

Zé Gago

**Adérito Silveira*

No tempo em que o Zé Gago (Barrias no registo) começou a tocar na Banda de Mateus, ainda não havia fogões nem eletricidade em Mateus, os horários do quotidiano regiam-se pela presença da luz solar. A aldeia era de facto pobre, e as famílias ao cair da noite contavam histórias inventadas na presença da luz da lareira e acordava-se com os primeiros raios de sol. Logo de manhã, nas ruas, as crianças quando não andavam a correr atrás de cães, porcos ou galinhas, passavam intermináveis momentos a pedir pão para a boca...nas casas, a música ouvia-se e impunha-se, criando a ilusão de que o mundo era perfeito e belo, preenchido por ondas sonoras refletidas nas consciências dos homens. A música fazia abrir as portas e as janelas das casas e os espíritos aquietavam-se em sussurros de ternura...

Não, o Zé Gago não tocava nenhum instrumento dito “nobre”, mas tão simplesmente era o “dono” do bombo nas arruadas, e dos acessórios nos coretos, incluindo os ferrinhos e a pandeireta. O Zé Gago, também não era pessoa de grandes falas. Praticamente a sua narrativa não ultrapassava um conjunto de meias palavras, completando o seu curto raciocínio com olhares e esgares pouco convincentes, levando os interlocutores, por simpatia e intuição a acabarem o que lhe faltava concluir. “Ó pás, tá tudo dito entre nós”, era uma expressão ouvida e frequente para com os amigos, procurando com isso manifestar a sua simpatia e amizade.

“Ó ti Zé, vai um copito?” Antes de responder, ele tossia de contentamento, encaminhando-se calado e sorrateiro para o café ou tasco. Aqui, o elo era fraternal, e a tosse seca e arrastada denunciava-lhe um forte prazer e o reconhecimento da amizade.

No tempo, os rostos e os nomes possuíam significados próprios. Zé Gago era um homem com carisma, uma figura que só de vê-la se ficava bem.

Entrincheirado nas suas convicções cogitava muitas vezes: “Nunca vi um homem mau gostar de música”, dizia sabiamente o músico dos acessórios. E dizia-o por vezes como arma de arremesso para alguém que procurava desdenhar dele. Para esse alguém atirava firme e certo: “cale-se, o senhor nem assobiar sabe.” Inclinado para o lado contrário onde tinha a mão enterrada no bolso, Zé Gago, saía dali triunfante articulando acutilantes trinados em instrumento de assobio jocoso que faziam calar quem duvidasse do seu instinto musical. Com as calças bem subidas de um lado, pelo efeito da pressão da mão num bolso, era fácil ver o deslumbramento inestético do comprimento dessa peça de vestuário. Este figurino visual levava por vezes a pequenos burburinhos de conversas que ressoavam como genuínos e coloridos sintomas de prazer.

Nos concertos, Zé Gago mostrava-se orgulhoso. Levantando bem alto os ferrinhos, a pandeireta ou o pandeiro sem olhar para a partitura porque não sabia ler música, ele colava o olhar no mestre lendo-lhe no rosto e nos braços os sinais da linguagem musical. Esses instrumentos percutivos nas suas mãos faziam vibrar o conjunto da banda e a simbiose motivacional percorria todo o coreto.

Nas rapsódias, ele transcendia-se e o seu corpo bamboleante parecia dançar. De corpo inteiro, no coreto o homem entregava-se à magia da música; no apogeu das emoções sentia as lágrimas a marejarem-lhe nos olhos, colocando os seus óculos escuros para esconder a fragilidade da alma.

Uma vez, como mestre desafiei-o após a execução estonteante de uma rapsódia musical: "então Sr. José como se sente?" Resposta pronta: "ó senhor entre nós tá tudo dito." Insisto: "o Sr. José esteve à altura e a pandeireta quase subiu aos céus...os dois estavam um para o outro, isto é: endiabrados!" Zé Gago, não conseguindo manter a conversa, responde escapulindo-se: "ó senhor entre nós tá tudo dito não é preciso dizer mais nada."

Quanto à pedagogia familiar, ela funcionava em pleno. Ainda muito cedo para a hora da ceia, e procurando discretamente os filhos, ordenava-lhes: "vá rapazes, casa, caldo, cama." A esta ordem militar e determinada, os rapazes limitavam-se a obedecer-lhe sem olhares nem reticências.

Um dia Zé Gago tocava os pratos numa arruada em caminhos estreitos e irregulares. Um conjunto de pessoas distraídas da música dificultava a passagem da banda. O nosso homem resolve o problema com o estilhaçar seco e vigoroso dos pratos virados para esse pedaço de povo insensível, ao mesmo tempo que desenhava na expressão do rosto o ar mais sério e imaculado - os seus óculos grandes e escuros escondiam a maroteira e os seus lábios esboçavam o pronúncio de um leve sorriso.

A sua astúcia era a sua coroa de glória; ele era a luz e o cérebro de episódios que em miniatura se confundiam com histórias do Zé do Telhado. O homem, revelava-se num conjunto formado entre outros por Zé Claudino, Joaquim do Raul, Joaquim do Pinto, Armando Moura... Estes valentes punham as aves de capoeira em alvoroço, reduzindo drasticamente as fileiras desses seres debicadores. Eram outros tempos! Tempos de pouca fartura e de imaginação fértil! - Os bons músicos facilmente se misturavam em mundos de fantasia e subtilezas. Depois da obra feita, comemorava-se o festim, repartindo-se pela comunidade, cúmplice e compreensiva, o resultado dessas façanhas.

Numa dessas odisseias, e tendo o Zé Gago uma cadela em declarado estado de cio, pensou usar o animal como isco para entrarem na fortaleza da Quinta do Carvalho guardada por dois terríveis cães. Para o efeito, apresentou o projeto ao grupo que de imediato o aprovou. Ao chegarem ao local, e à medida que a cadela se aproximava dos cães, estes, diminuía a sua ferocidade ficando aos poucos mais vulneráveis àquele odor que se tornava irresistível e carnal. Assim, a rapaziada pôde trabalhar livremente, obtendo uma formidável caçada que incluiu, por descuido, uma ovelha bem avantajada. A capoeira ficou inundada de vazio e de silêncio. Em muitas casas viveram-se dias de fartura e bom convívio, onde a música se manifestava ruidosa e alegremente!

Zé Gago morreu no primeiro dia do ano 2000. Mateus perdeu uma figura típica e um amigo. A aldeia ficou mais vazia e melancolicamente triste.